

NOTA DE ABERTURA

NUNO RESENDE

Este não é um trabalho de História Empresarial como, à partida, o título induz a pensar. O *Prontuário de Fotógrafos e Casas Comerciais de Fotografia no Porto (~1840~1980)* foi esboçado em função do grande conceito-chave de Património Cultural e, dentre as várias subcategorias de património a que adiante aludiremos, destaca-se o da memória dos sítios onde, durante anos, se desenvolveram práticas fotográficas e a partir das quais se geraram outras práticas, umas de cariz técnico, outras artísticas e culturais, outras, ainda, memorativas ou lúdicas, individuais e colectivas.

Por não ser um trabalho de reconstituição das sociedades e casas comerciais, muitas delas com trajectos diversos, maiores ou menores períodos de laboração e experiências fugazes pautadas por nomes temporários, estabelecemos como âncora o edifício onde estas empresas se fundaram e onde eventualmente cessaram ou mudaram de propriedade. O *Prontuário* organiza-se, assim, primeiro, pelo nome do arruamento onde se localizava a loja, estúdio ou casa fotográfica e, neste, por ordem crescente estabelecida pelo número de polícia.

Em alguns casos, no mesmo edifício, funcionaram, ao longo do tempo, várias casas fotográficas, transmitidas entre sócios ou mudando de propriedade e de denominação, mas mantendo a mesma actividade. Noutros, essa actividade cessou, não deixando mais do que lembranças fugazes ou registos em fontes primárias que procurámos coligir. Assim, a denominação ou denominações das casas, nos mesmos edifícios, organiza-se em cada verbete do presente *Prontuário* de modo cronológico, para que o leitor e investigador possa assistir à mudança e evolução do espaço, com o mesmo uso e actividade, mas por vezes com proprietários e nomes comerciais diferentes.

Como tal, o percurso metodológico para a elaboração deste *Prontuário* sintetiza-se da seguinte forma: numa primeira parte procedeu-se ao reconhecimento de fontes primárias sobre a actividade comercial de fotografia na cidade do Porto, na cronologia balizada entre a segunda metade do século XIX e a década de 80 do século XX — cronologia que passaremos a justificar —, em particular fontes primárias que permitissem a reconstituição dos nomes, localização das casas comerciais no Porto e respectivos proprietários, segundo os limites geográficos fixados pela Estrada da Circunvalação.

O período cronológico diz, naturalmente, respeito ao tempo da fotografia, enquanto invenção anunciada em Paris, em 1839, conhecida em Portugal nos anos imediatamente seguintes e pela sua difusão enquanto actividade comercial, na cidade do Porto, até à década de 1980. Porquê esta década como fecho de cronologia? Embora a nossa recolha não nos permitisse, por razões de tempo e logística, prosseguir além de tal decénio, ele antecipa a introdução do digital que, ao longo das décadas seguintes, ditará, entre outros factores, o encerramento de casas fotográficas, agora desnecessárias ante o avanço dos instrumentos pessoais de impressão ou de armazenamento da imagem digital.

Certamente que um aturado trabalho de investigação nos cartórios notariais e em acervos judiciais no período dos últimos 30 anos nos ajudaria a compreender o fenómeno das dissoluções de sociedades comerciais da fotografia no Porto, trajetórias que pressentimos, apenas. Todavia, o presente trabalho não procura almejar tal objetivo, da mesma forma que não procura questionar os percursos, quer empresariais, quer individuais dos seus proprietários, fotógrafos e funcionários. Propusemo-nos, apenas, fornecer elementos que permitissem registar, sistematizar e organizar informação até agora desconhecida e dispersa em mais de 100 anos de implementação e evolução da fotografia, enquanto actividade comercial na cidade do Porto.

Ainda no percurso metodológico de investigação foram privilegiadas fontes com informações directas sobre a) localização geográfica da casa no urbanismo da cidade; b) nome do proprietário ou proprietários; c) datas associadas e (ou) documentais aos/dos pontos anteriores e d) outros elementos pertinentes (nomeadamente bibliografia) para a identificação e percurso da empresa ou do(s) seu(s) proprietário(s).

Como fontes primárias, foram identificados e consultados Anuários Comerciais, Registos de Alvarás e Listas telefónicas entre 1840 e 1980 e fontes secundárias, como monografias, estudos gerais e específicos sobre a fotografia na cidade. Também as fontes visuais, tais como dísticos, publicidade gráfica e de imprensa se revelaram úteis para acrescentar ou esclarecer elementos menos compreensíveis neste complexo mundo da fotografia comercial.

Num segundo momento procedeu-se à elaboração de uma base de dados com campos suficientes para assegurar uma recolha o mais exaustiva possível, não só dos elementos atrás elencados, relativos à localização e propriedade, mas também possibilitando a relação com outras fontes, paralelas à pesquisa principal, como licenças de obras e registos visuais, tais como a já referida publicidade gráfica das casas, mas também da imprensa.

Outrossim, foi elaborado um levantamento exaustivo de bibliografia sobre História da Fotografia em Portugal e no Porto, e sobre fotógrafos e casas comerciais da cidade, levantamento que permitiu de imediato constatar a concentração de estudos monográficos num conjunto reduzido de estabelecimentos/empresas entre os quais se destacam a Casa Alvão, a Foto Beleza, a Foto Guedes, Biel & C.^a e Marques Abreu. Faltam trabalhos de fundo sobre casas e fotógrafos «menores», sem que este adjectivo queira referir-se à importância dos mesmos, se não à existência de um abundante mercado fora do conjunto das casas cuja projecção no mercado ultrapassava a cidade do Porto, como o permite caracterizar o presente *Prontuário*.

Embora se reconheçam tentativas para explorar o vasto mundo dos fotógrafos profissionais, com casas comerciais ou estúdios abertos por todo o país, têm-se privilegiado as cidades, como Lisboa, Porto e Braga, onde ponteiavam estudos monográficos ou de casos singulares (ver bibliografia associada ao *Prontuário*). Mas nada

que proponha um olhar global sobre este universo da produção fotográfica que ultrapassou os limites do empresarial, para se revelar em alguns casos, importante escola, arquivo do património e do quotidiano locais e, claro, da memória familiar e genealógica. Nos estudos sobre a História da Fotografia em Portugal, assomam de vez em quando, nomes de retratistas ou fotógrafos com *ateliers*, como a Casa Carneiro, em Braga, ou os Vicentes na Madeira, que deixaram um legado muito superior ao do simples retrato.

Embora conhecêssemos o importante trabalho sobre os fotógrafos da Bélgica, editado em 1997, o *Directory of Photographers in Belgium (1839-1905)*¹, hoje disponibilizado através do sítio em linha do FOMU (Museu de Fotografia de Antuérpia), só depois de termos concluído o *Prontuário*, nos chegou à mão outra valiosa referência para os estudos de fotógrafos e de casas comerciais de fotografia, o *Répertoire de photographes parisiens du XIXe siècle*, de François Boisjoly (2009)². Constituem ambos instrumentos de consulta com uma metodologia adequada às características dos mercados comerciais de fotografia belga e francesa e às fontes aí existentes para a reconstituição dos tempos de produção, localização dos estabelecimentos e, no caso do *Répertoire*, das técnicas (processos fotográficos) e actividades principais (retrato, etc.) dos fotógrafos. Ambas as obras excluem, porém, todo ou parte do século XX, dirigindo a atenção para a «primeira» fotografia (grosso modo 1839-1914).

O *Prontuário de Fotógrafos e Casas Comerciais de Fotografia no Porto (~1840~1980)* embora se não proponha fazer um registo exaustivo de todos os estabelecimentos existentes na cidade, até à presente data, abarca um período de longa diacronia na História da Fotografia, potenciando outros levantamentos ou aditamentos a este.

Finalmente, importa salientar a necessidade da publicação de fontes, ou a sua sistematização. O grande trabalho sobre a História da Fotografia em Portugal, conquanto tenha já um punhado de obras essenciais, peca pelo reduzido investimento no levantamento e publicação de fontes primárias e secundárias. Neste vasto tema de investigação, como noutros, o trabalho tem começado pelo telhado, isto é, pela edição de trabalhos de grande reflexão teórica, mas com pouco substrato de levantamento crítico documental.

A cada um dos momentos atrás descritos coube o trabalho de quatro equipas de estudantes-investigadores da U. C. de Metodologia de Projeto e de Investigação II, do 2.º ciclo de estudos em História da Arte, Património e Cultura Visual, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto — responsáveis pela coordenação de pontos-chave da elaboração deste *Prontuário*.

¹ JOSEPH, SCHWILDEN, CLAES, 1997.

² BOISJOLY, 2009.

O grupo C, responsável pelo levantamento bibliográfico e de referências, procedeu ao reconhecimento de fontes impressas, publicadas entre 1850 e 1987, que permitiu dar corpo às listagens de casas comerciais e fotógrafos ou proprietários das mesmas; simultaneamente levou a cabo uma recolha de referências bibliográficas que sustentassem o conhecimento sobre as temáticas que o prontuário convoca: a História da Fotografia (nos seus contextos nacional e local) e eventuais estudos específicos sobre empresas e fotógrafos portuenses.

Ao grupo A, coube o levantamento de fontes visuais relativas às casas comerciais e fotógrafos profissionais da cidade — levantamento que, como atrás referimos, foi feito em vários meios de comunicação, desde jornais, revistas e acervos de fotografia.

O grupo B levou a cabo uma investigação em arquivo, centrada, sobretudo, no Arquivo Histórico Municipal do Porto, associando aos registos carregados na base de dados alimentada pelo grupo C, as licenças de obra, permitindo o desenho mais nítido da evolução de certas casas fotográficas e até avaliar a sua importância no urbanismo e na sociedade portuenses durante o seu período de laboração.

Finalmente, ficou a cargo do grupo D, a construção de uma identidade gráfica do *Prontuário* e a sua organização, perseguindo a lógica de manual de consulta e rápido acesso, quer da informação textual, quer da visual.

Aceitou a Dra. Maria do Carmo Serén o nosso convite, que muito agradecemos, para contribuir com um ensaio da sua autoria sobre as Casas fotográficas do Porto no século XIX, acrescentando ao *Prontuário* valiosas informações colhidas em anos de estudo e laboração sobre esta temática.

Entendemos prolongar as reflexões de conjunto e de contexto, algumas apriorísticas, é certo, sobre o século XX, num primeiro trabalho que já perscruta as informações agora colectadas. Ambos os artigos constituem uma parte contextual que se apresentam seguidamente ao *Prontuário* para não iludir o leitor quanto a uma possível interpretação do mesmo. Este vale *per se* pela informação que acarreta e constitui, seguramente, modelo pioneiro nesta área.

Muito estava e continuará por fazer quanto à identificação de certos fotógrafos, das suas motivações enquanto empresários e dos seus trajectos individuais, fora e dentro dos seus *ateliers*, das suas lojas e estúdios de fotografia. O presente trabalho servirá, cremos, para apontar alguns caminhos de investigação que contribuam não só para uma melhor compreensão da introdução e da evolução da fotografia no Porto e em Portugal, enquanto práxis comercial e artística mas, eventualmente, abordar com mais propriedade o reconhecimento de outros patrimónios, que não só os visíveis ou palpáveis do edificado associado à fotografia — algum dele perdido ou na iminência de se perder.

Como exemplo da utilidade imediata deste *Prontuário*, salientamos a de permitir reconhecer nomes de fotógrafos e tempos de laboração associando-os à produção

de um vasto espólio de imagens que, ou repousa em arquivo, ou circula em mercados de antiguidades e arte, alfarrabistas e feiras procurado pelos colecionadores do *vintage* ou por investigadores dos acervos públicos e privados nos âmbitos da fotografia retratística, documental ou vernacular, da História de Família ou dos estudos iconográficos e da imagem. Se o presente trabalho servir este imediato, terá parte dos seus objectivos cumpridos, assumindo assim o valor instrumental que, cada vez mais, os trabalhos académicos devem propiciar.

Mas o alcance deste *Prontuário* acaba por ser mais vasto pois, pese embora parte do património material associado a estas casas se tenha perdido, entre cessações de actividade, falências, trespasses, etc., o levantamento da informação respeitante à sua existência e agora o seu registo neste *Prontuário* permite a salvaguarda da memória de um vasto universo de aspectos relacionados não só com a actividade comercial da fotografia (fachadas, espaços de venda e revelação, formas de produzir e expor fotografia, etc.) mas também com o trabalho individual dos seus fotógrafos, a sua formação e contribuição para outras formações e, por extensão, a um novo entendimento sobre a ideia e usos da fotografia em Portugal. A associação a outras práticas ou indústrias, como a indústria gráfica e a imprensa permitirá, através deste guia, conhecer melhor uma actividade que, passou, a partir de meados do século XIX a catalisar pela utilização, apresentação e abundante difusão da imagem fotográfica.

Resta acrescentar que este trabalho não seria possível sem o esforço e o notável empenho pessoal de cada um dos estudantes da U. C. Metodologia de Projeto e de Investigação II, todos elencados na ficha técnica desta obra e a quem dirijo o meu agradecimento e reconhecido sentido de academismo.

Ao Professor Doutor Gonçalo Vasconcelos e Sousa e ao Dr. José Manuel Seabra da Costa Reis, um profundo agradecimento pela disponibilização de valiosos registos fotográficos dos seus acervos, que permitiram enriquecer o catálogo de ilustrações deste *Prontuário*, assim como ao Arquivo Histórico Municipal do Porto, que autorizou a publicação de um conjunto expressivo de alçados, plantas e outras imagens que muito enriquece este trabalho.

E, finalmente, um agradecimento particular ao eng.º João Pedro Santos da empresa SantResende, Lda., pelo investimento posto na edição em papel deste trabalho e por ter compreendido a importância de possibilitar a existência deste manual de consulta, em suporte físico e manuseável, fora do mundo digital que, com todas as suas vantagens, ainda não supera a experiência de folhear um livro.

Nuno Resende
(Coordenador geral)

